Glosas MARGINAIS

DR. FREDERICO DE MOURA

ESTES sujeitos a servirem-me folclore em profusão e eu a tentar desentulhar o humano soterrado debaixo da fancaria; os viras e as chulas, em rodopio, a fazerem vertigens, no tablado, e eu, com o auxílio de um graveto de inquirição, a esgravatar na casca e na polpa dos figurinos que mascaram a autenticidade com saias de barra bordada, com aventalinhos do tamanho de compressas e com blusas tufadas de folhos, como pastéis...

Nenhuns efeitos de luz, por muito que se carregue no encarnado, podem encharcar de hemoglobina a palidez de um rosto; nenhum *bâton* de circo dá consistência túrgida a uns lábios secos, nem nenhuma almofada de sumaúma reveste um esqueleto de tegumentos...

Este folclore condimentado que nos servem, a propósito e a despropósito de tudo, a maior parte das vezes, vem tão poluído de coreografias revisteiras, que a gente não consegue catar, no meio do entulho, um resquício, sequer, daquilo que é sadiamente popular e especificamente expressivo.

Às vezes, vai-se realmente à fonte encher as infusas de linfa pura e cristalina; mas antes de a servirem, nas tábuas, gasificam-na e coram-na com tais ingredientes, que os convivas, quando a provam, não podem já sentir-lhe o gosto fresco no meio do capilé xaroposo com que a adoçaram e a tornaram enjoativa...

UM CRITICO infestado lembra-me, sempre, carne com vareja: vista de longe, a parasitose passa, às vezes, desapercebida; mas, se nos aproximarmos, a vermina a remexer chama logo a atenção para o mau estado da vianda que nos pretendem servir.

UM DIÁLOGO entre um homem que acreditava em Deus e outro que não acreditava em coisa nenhuma, patenteou-me um espectáculo verdadeiramente inverosímil e insuspeitado: os argumentos do primeiro eram de molde a conduzir ao agnoticismo mais fundamentado;

Continua na página 3

Aveiro, 8 de Outubro de 1966 ★ Ano XII ★ N.º 622

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETARIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇAO, ADMINISTRAÇAO
COMPOSIÇAO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITANIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

O Lugar do Paço

chama ! 1 APELO E SUGESTÃO

ZITA LEAL

ENTRAMOS no Outono — quase imperceptivelmente de início, depois com aguaceiros prenunciadores do Inverno. Dias de suave beleza, matizados de cores surpreendentes, de temperaturas amenas, e logo dias de chuva e vento. À instabilidade do tempo correspondem as incertezas dos homens. É sempre assim na quadra outonal: renovo da vida escolar, renovo da vida dos tribunais, mudança de estação com as suas implicações agrícolas e reflexos na saúde dos mais sensíveis ou mais idosos, perspectivas editoriais que nesta altura se concretizam, salões de Arte que se abrem agora em mostra dos lavores primaveris e estivais.

Mas, para muitos, as primeiras chuvas assumem um carácter mais prosaico, concreto e preocupante: são os pobrezinhos que não conseguiram ainda (para eles ainda é, muitas vezes, palavra a significar nunca) amealhar com que comprem a telha que lhes vede o tugúrio, nem farpela que lhes resguarde o corpo, e o dos seus, das intempéries; e são os pobres povoados, de que as preocupações de engrandecimento urbano (mais espectacular e propagandístico...) desviam, de comum, os olhares responsáveis, aturdidos que ficam com as luzes da cidade! Que não faltem à urbe profusão de lâmpadas de mercúrio, esgotos e saneamentos, linfa tratada, arruamentos lisinhos e limpinhos, praças amplas, arejadas e decoradas: que a aldeia, o lugarejo... avenham-se lá com suas trevas, com suas poeiras e seus lamaçais, águas salobras, escorrentezas, tortuosidades de caminhos...

O Paço, de Esgueira, lu-

Continua na página 2

BARRA: TERRA DE NINGUÉM

Nota de Mário da Rocha, lida aos microfones de Rádio Clube Português, em 24 de Setembro findo

NÃO sabemos se sim ou não estamos vistos dentro da conjura. Sim, que agora públicamente foi feita a denúncia... (mas deixem-nos, por imperativo de não jurar falso!), deixem-nos simplesmente transcrever:

«O autor do artigo faz (sic!...) *faz* parte do «colégio» que resolveu por unanimidade fazer uma ofensiva de mau crédito, com fins ainda ignorados mas que possivelmente virão a lume, contra o Concelho de Ílhavo, pois artigos semelhantes foram publicados nos três jornais de Aveiro e ainda, pelo menos, num jornal diário.»

Pois se é verdadeira a denúncia, ela é incompleta... Mas se a denúncia é incompleta por ser verdadeira, ela, quando completa, será inútil!... Sempre anda verdade em palavras de todo o mundo! Aliás não será antes caso para perguntarmos nós: não será esta ideia de maldi-

Continua na página 2

AFINAL a hora não mudou! — o que, de resto, seria das menos ansiadas mudanças neste país. Nós — como muitos — porque o diploma legal saiu tardiamente, anunciáramos, pressurosos, a costumada mudança. Temos agora que rectificar o aviso: a hora não mudou! O Tempo continuará a queimar-se ao ritmo inalterável da ampulheta — como SIDI nos mostra na magnífica simbologia que ilustra esta página.

5 DE OUTUBRO

Há quem pense e diga que só pode comemorar a República quem for monárquico. A ser verdadeira, a asserção significaria que a República se tornara intangível para os próprios monárquicos. Mas a realidade é outra. O conceito de República abrange dois aspectos: o de regime estatal e o de Constituição política. Pelo primeiro, a República aboliu o rei e a nobreza do topo da hierarquia social; pelo segundo, reformou a oligarquia económica e política que o liberalismo instau-

Continua na página 2

Memórias dum AFOGADO

por Mem Coitado

DOS NÚMEROS ANTERIORES: Tendo assimilado, a pouco e pouco, os ensinamentos recolhidos, o sr. Mem Coitado começa a saber escrever um português mais escorreito e a ordenar, com outra coerência, a sua percepção no mundo, — tanto mais complexa quanto abrange o natural e o sobrenatural, o vivo e o morto, o real e o imaginário. E, tendo descrito, no capítulo antecedente, a epidemia de gripe hanseática que tão duramente flagelou a cidade...

UMA CARTA: «Sr. Director; Não posso negar que as Memórias dum Afogado revelam sentido de humor, plasticidade de estilo, espírito crítico (no sentido em que se diz que criticar é ver e dar a ver) e, até, qualidades de efabulação e de inventiva. Mas, se bem entendi o seu autor, ele tem pretendido dizer-nos:

1.º — Que a Biblioteca Municipal é uma instituição inerte, que não cumpre os fins para que foi criada, e que são hoje tanto mais relevantes quanto é condição do progresso do País o fomento dum trabalho especializado, isto é, culturalmente informado (Cap. I);

2.º — Que os prejuízos causados à economia da laguna e à saúde pública pelos produtos tóxicos emanados das fábricas deveriam ser objecto duma intervenção das autoridades administrativas e sanitárias, pois já Raúl Brandão profèticamente anunciara que «se a Ria adoece, a população adoece» (Caps. I, VI e VII);

3.º — Que a função do Turismo não pode restringir-se à propaganda, pois tem de incidir, também, na solução dos problemas que lhe são inerentes (Cap. III);

4.º — Que o colete de forças que tem sujeitado a cons-

Continua na página 3

5 de Outubro

Continuação da primeira página

rara. Note-se a distância que vai duma palavra à outra: abolir e reformar — e compreender-se-á que o que foi uma revolução, num plano, não o foi no outro.

Quem comemore, no 5 de Outubro, o primeiro desses aspectos, constata, portanto, um facto consumado apenas — e, daí, que o não empece pràticamente ninguém pois são em número sempre decrescente os que ainda esperam por D. Sebastião. Mas comemorar, no 5 de Outubro, a democratização que o novo regime promoveu mas não chegou a radicar, é já outra coisa, pois implica o plebiscito duma opção.

Compreende-se, assim, porque pode uma simples comemoração constituir um sufrágio, ou seja um exercício de direitos e, portanto, um acto que envolve não só uma opinião, uma vontade, um querer, mas também um poder, — pois foi este que o 5 de Outubro arrebatou das mãos que o detinham.

O querer, esse já o estabelecera, muito antes, o descrédito em que se deixara afundar a monarquia. Mas passar do querer ao poder — do subjectivo ao objectivo — foi sempre difícil, em História. Erra, assim, quem alegue que a vigência das liberdades fundamentais instauradas pelo Constitucionalismo monárquico tornou fácil a obra dos promotores da República. Os que o pensam esquecem que o objectivo do 5 de Outubro era derrubar um regime que tinha oito séculos de existência e mergulhava tão profundamente nos hábitos colectivis que ainda hoje subsistem poderosas monarquias no mundo. Subestimar a obra revolucionária dos homens de 1910 com o argumento de que eram temperadas as condições políticas da época, é esquecer, por conseguinte, o calvário de perseguições, exílios, ultrajes e lutas que os republicanos sofreram antes e depois do 31 de Janeiro, antes e depois do 5 de Outubro. É olvidar que, em 4 de Outubro de 1910, só havia 400 homens na Rotunda, — e nem um só oficial! Eram dezenas de milhar, sim, os republicanos declarados ou comprometidos; e centenas de milhar ou milhões os descontentes ou indiferentes da monarquia: mas tão-só 400 os que serviram de ariete à revolução! É essa a distância que vai do querer ao poder, do subjectivo ao objectivo, mas distância que inclui, nos fins alcançados, os fins visados, pois jamais o ideal republicano teria mobilizado a vontade de uns ou a neutralidade de outros sem o programa de reformas sociais que se propôs. O que implica, em última análise, a sua perenidade ou latência, mesmo para aqueles que se curvam perante o facto consumado apenas — e por isso o fazem a contragosto. É que, no fundo, os dois aspectos de que partimos são tão inseparáveis, na origem e na essência, como as duas faces de uma moeda. Se uma ficou mal cunhada, que conclusões poderá tirar a História? Não há Constituição sem direitos; e não há República sem Constituição. Tudo o que altere ou infrinja essa conjunção de aspectos só pode ser precário e transitório, portanto.

M. S.

Barra: Terra de Ninguém

Continuação da primeira página

to, não será (e não somos freudista para dizer que é!), um complexo de culpa?...

Mas não nos importa a conjura agora denunciada. Aliás, repetimos, se ela é verdadeira, incompleta ela é! Que chegue este episódio: integrados na Comitiva da Imprensa, Rádio e Televisão presentes nas Festas do Milenário de Aveiro, recordamo-nos bem de alguns dos comentários (comentários ???) que então se fizeram por alguns cotados responsáveis da opinião pública em Portugal. Nas horas em que se aguardou a chegada do sr. Presidente da República para inaugurar oficialmente o Porto de Aveiro, Barra e Ílhavo é que foram notícia!...

Volvidos tempos, nós próprios haveríamos de deixar escrito algures: «Disputada provincianamente como flor de lapela por gaiteiros em arraial de festa aneira, a Barra continua Terra de Ninguém. Pela força da lei, a Barra, a praia da Barra pertence a Ílhavo; pela razão dos factos, a Barra, até na sua praia pertence a Aveiro. Ora eis: uns porque a gozam e não a possuem, outros porque a possuem mas não a gozam, — uns e outros a abandonam em sua beleza virginal. Porquê espanto, pois por se dizer que a Barra, Terra de Ninguém, está hoje, dia e hora de progresso, como há cinquenta anos?...

A verdade é que, turìsticamente, Aveiro não pode dispensar a Barra, tal como a Barra económica e socialmenmnte não pode sobreviver sem Aveiro. Turìsticamente, dissemos. Quem veio a Aveiro e não foi, pelo menos, à Barra, não viu Aveiro!... Com praia na Ria, com praia no Mar, — e em que condições e com que beleza! —, com campo nas dunas, com campo na mata, com tudo o que tem — que é muito que está por fazer! —, a Barra pode ser um paraíso! Terra de Ninguém lhe chamámos nós já há anos; Terra de Ninguém lhe temos continuado a chamar desde então! Pois desde agora lhe chamaremos nós *Paraíso Perdido!*

Aveiro, — esta é a verdade, uma grande verdade—, Aveiro, turìsticamente, não pode dispensar a Barra, tal como a Barra económica e socialmente não pode sobreviver sem Aveiro. Urgia, e urge, tirar as conclusões! Que fique para já ao menos esta verdade para todos: Aveiro sem a Barra é Vénus decepada! Vitória de Samotrácia, me dirão do lado! Pois eu digo então: Vitória com asas mes sem cabeça! Pode voar e não voa!...

A Barra tem praia de mar. tem praia de Ria; a Barra tem campo nas dunas e tem campo na mata! Este é um milagre da Natureza — que só visto!

Mas a Barra tem hoje, para que se pudesse dizer que ela não está agora como estava há cinquenta anos, a Barra tem hoje água e luz! E a água, a água do mar e da Ria que aqui anda em eterno noivado com a luz em fantasmagórica epifania de cor, a água aqui é distribuída diàriamente ao domicílio. Sim, sim tal como o correio que se espera de amanhã para nos trazer boas vindas de longes terras...

Mas a Barra também não tem... Mas o que a Barra ainda não tem havemos também nós de o dizer — para que mais depressa o tenha!...

A Barra tem praia de mar e praia de Ria; a Barra tem campo nas dunas e campo na mata! A Barra tem água e luz — num milagre de cor! Mas o que a Barra mais tem é quem lhe diga mal — por muito lhe querer!...

MARIO DA ROCHA

O Lugar do Paço chama!

Continuação da primeira página

gar próximo da zona urbana, mas simples, sem pretensões, vê nas chuvadas augúrio desolador de inimigo difícil de vencer.

Com os primeiros aguaceiros, o caminho que liga a povoação ao cruzamento — Póvoa do Paço - Vilarinho - - Paço — torna-se intransitável: as covas profundas, que em tempo de calmaria armazenam toneladas de poeira, transformam-se, em pouco tempo, em extensas poças de água — paraíso das rãs e dos mosquitos!

Numa legítima tentativa de lograr fim ao deplorável desleixo, deslocou-se a Aveiro, já há tempos, uma representação dos moradores do sítio. Homens rudes, lá explicaram, conforme puderam, ao sr. Presidente do Município, a sua elementaríssima aspiração; e saíram do gabinete presidencial plenamente convencidos de que o seu problema iria ser resolvido. Mas...

...ainda hoje continuam à espera da tão ansiada solução!

Ora, se o ilustre Prsidente da Câmara Municipal se quiser dar ao trabalho de passar por ali, verá que o povo tem inteira razão; e, certamente, confirmando a já consabida diligência que usa pôr ao incondicional serviço dos seus munícipes, não deixará de providenciar com a urgência que o caso requer. Assim o peço — e assim, muito confiadamente, o espero.

Se é que «atrás de quem pede ninguém corre», já agora...

...atrevo-me também a sugerir o aformoseamento — passe o termo — do átrio da capela e daquela rampa incrível que vem dar ao caminho: suavizar, escalonando em quatro ou cinco lanços, a descida abrupta, ajardiná-la (ainda que modestamente) não creio que seja despesa incomportável para os cofres camarários, sem dúvida muito batidos por carências prementes, mas a que não faria por certo, grande mossa o insignificante dispêndio, bem compensado, aliás, pela utilidade que serviria — tanto mais que para ela, creio sabê-lo, o povo se dispõe a contribuir com mão-de-obra e material ao alcance das suas possibilidades.

Aquela boa gente do Paço não sabe, talvez, reivindicar, ou sequer pedir, com a vernácula literatura de que se enroupam, de comum, as oficiais e pomposas impetrações — é gente simples e rude; mas tem sensibilidade sobeja para se sentir magoada se a esquecem e ofendida se a desprezam.

E o povo do Paço — estou certa — abençoaria os nomes do sr. Dr. Artur Alves Moreira e da sua operosa Edilidade, se visse a sua estrada em termos de servir condignamente os utentes, e se pudesse olhar com ufania a sua «alameda» (nome que dá, com enternecedor orgulho, à tal rampa incrível*) suave e viçosa.*

O Paço fica ali, sr. Presidente, a pouca distância da Praça Municipal — onde se ergue o grande Tribuno, a proclamar, com seu braço erguido, no mutismo eterno do bronze, a eterna e sempre eloquente sede de justiça e ânsia de amparo de todos os homens!

ZITA LEAL

Memórias dum Afogado

Continuação da primeira página

trução civil não só atrofia e adultera o progresso da cidade, mas agrava o custo da vida e resulta, em última análise, na instituição dum monopólio da habitação (Caps. III e VI*);*

5.º — Que o critério urbanístico e estético oficialmente adoptado tem como tristes símbolos a mutilação da Praça da República (e seu corolário desprezo pela estátua de José Estêvão, sobre a qual tem estado pendente, sem qualquer protecção, um guindaste de não sei quantas toneladas!) e a espantosa enormidade que é a Maria da Fonte Nova (Caps. II e VII*);*

6.º — Que a atenção votada às obras do porto tem de ter em conta, como contrapartida, a dragagem permanente das áreas assoreadas e uma solução hidráulica da situação que criou no Canal Central (Caps. I, III, VI e VII*);*

7.º — Que é inconcebível o desprezo votado às instituições de cultura e que a 5.ª cidade do País continue desprovida duma piscina, duma válida colónia balnear para crianças pobres, dum ginásio, dum jardim de infância, etc. (Caps. IV e VII).

Restrinjo o meu inventário aos pontos estritamente aveirenses (embora reconheça que os outros também são da máxima importância) e pergunto: para dizer o que apenas exemplifiquei, seriam precisos tantos circunlóquios como os que o autor usou? Desculpe a impertinência e creia-me, etc. — Assinante n.º 1 721».

NOTA DA REDACÇÃO: Não estamos em melhores condições do que o nosso prezado assinante para dizer se o sr. Mem Coitado visou ou não o que lhe atribui. Sabemos apenas que os seus escritos entroncam no património comum dos rimances e cancioneiros populares. Ora uma obra literária, por modesta que seja, não diz nunca o que parece dizer apenas, mas muito mais do que isso, pois implica intenções múltiplas cuja polivalência é, por vezes, inesgotável, já que inclui intuições, sentimentos, sugestões, instintos, — e não exclusivamente ideias. De uma coisa pode o nosso estimado assinante estar certo: da origem fabulosa das *Memórias*, que teremos todo o gosto em permitir-lhe que confirme se quiser dar-se ao incómodo de assistir a uma recolha do texto.

CAPÍTULO VIII

Do Cortejo das Sálfides

Correram vozes, de princípio, que o bodo que pusera termo à gripe hanseática tivera origem no desespero dos lavradores que, cansados de verem o seu labor explorado pelos intermediários e pelo fisco, tinham largado as colheitas do ano nas bermas das estradas, para quem quisesse levá-las. Mas essas coisas só sucedem nas Franças e Araganças, que são países exóticos. E logo se soube a verdade: as Quintas-Modelo da Estação Agrobiológica Regional (que servem de piloto e guia aos agricultores) tinham obtido resultados que ultrapassavam as previsões mais optimistas e, sem recursos para armazenarem os excedentes, haviam decidido distribuí-los com mão perdulária. O regozijo e o regabofe duraram semanas. E a minha única mágoa foi não poder levar aos meus, também, umas migalhas desse maná dos céus! Porque tudo fora milagre, como logo se viu na madrugada seguinte. A Providência trouxera a paz da terra aos homens a fim de dar (em beleza) a da glória às almas.

× Mal os primeiros tons de índigo e ocre tingiram o horizonte, nesse dia, soaram mil trombetas de prata pelo firmamento. Como se o fizesse pela vez primeira, o Sol emergiu com majestade, ponteando de luz o bronze das águas e debruando de oiro as raras nuvens que lhe atapetavam o caminho. Um rendilhado fino descia das alturas, à medida que as estrelas se apagavam nelas. E o som longínquo das trombetas, levemente húmido e acidulado, parecia escoar-se pelas malhas que formava. Um coro blandicioso de vozes respondia-lhe, de além. E o cortejo de que provinham começava a recortar-se, a pouco e pouco, na neblina que flutuava sobre as águas: eram as Sálfides, ou Salmas, — as almas fiéis do sal! Vestindo túnicas de luz, tão vaporosas e diáfanas como musselinas de sonho, caminhavam sobre a Ria, umas atrás das outras. Todas alvura de neve, da cabeça aos pés! Os próprios cabelos eram estrigas de linho, soltas ao vento. Em passo lento, pausado e rítmico, abriam nas águas uma franja de luz que lhes acetinava o dorso, como cera aquecida. Acompanhando o arrebol do dia, o volume do canto ia subindo. Escarlate e pérola, o céu devolvia à Ria o azul que lhe tomara de empréstimo. Como se só então ouvissem o coro, as nuvens acobrearam-se. Sobre o mar, erguia-se um matiz de violeta. A névoa adelgaçava-se, sumia-se, ao sopro das vozes. E um cardume de escamas lumíneas pontilhava de arestas a estrada líquida para as marinhas de sal... ×

Reconheci então a Arlete, pálida e bela como eu nunca a vira! Os próprios cílios eram agora albinos. E a gema pura da safira dos olhos fulgia diamantina, metamorfoseada que fora. Compreendi, então por que amava eu esta terra de Aveiro, em que tais milagres de luz e cor eram possíveis. E porque fora a Arlete, a meus olhos, o seu protótipo de pureza! Via-me ela? Não via! Perdida na luz, seguia o caminho do seu derradeiro destino: harmonia...

Revérberos cor de cobalto adelgaçavam-lhe ainda mais a silhueta. Um hálito a maresia verde parecia desprender-se-lhe do canto. A consciência não era já angústia, era beleza que tudo incendiava de tons quentes, à sua volta...

À vista das pirâmides de sal, voltaram a ouvir-se as trombetas cristalinas, e o coro subiu em agudos. Os tabuleiros das salinas eram espelhos de noiva. E logo vi que o sal, por mais branco que fosse, só o seria na verdade quando as almas das Sálfides se encorporassem nele, transformando-se em Salmas! Parou o cortejo junto da primeira pirâmide, onde o aguardara o Graduado, um tudo-nada triste, pareceu-me, e isso surpreendeu-me. Beijou a mão à primeira das almas em fila e, com humildade e respeito, levou-a em passos lentos até ao monte de sal. Soltou-lhe então a mão e fez-lhe uma reverência profunda. Logo a Sálfide avançou pela pirâmide dentro, esbagoando-se em mil centelhas de luz, que tudo cobriram dum halo imaculado de pureza, dir-se-ia que palpável. Como por encanto, surgiu nesse mesmo instante o marnoto, que logo começou a cobrir o monte de bajunça, como se fora a filha dele quem entrara ali, e a quisesse agasalhar dos ventos, das chuvas e dos frios!

Prosseguiu o cortejo e, uma atrás da outra, as Sálfides foram povoando as pirâmides. Até que chegou a vez da Arlete! Mas, quando o Graduado lhe fez a vénia da praxe, ela voltou-se e olhou-me! Longamente! E com amor! Chorei então de verdade, pela primeira vez desde que morrera; e foi por entre lágrimas que me escorriam como regatos dos olhos que a vi dar um passo atrás e desaparecer!

× Por quanto tempo ali fiquei? Já a pirâmide estava coberta e o Sol alto, quando dei fé de mim. De tempos a tempos, ouviam-se ao longe as trombetas, quase em surdina. O coro era agora um murmúrio ou um sonho apenas. Talvez a toada do mar, que o vento trouxesse. Fosse de ter chorado ou de estar triste, tudo me parecia violáceo. O céu pusera-se baixo e sombrio. Uma aragem fina encrespava as águas e punha manchas de verdete no bronze que tentava modelar. Gaivotas esvoaçavam, desabridas, soltando gritos lúgubres. E, para os lados da Serra, viam-se crescer os cinzentos, cada vez mais sombrios, que o Sol a breve trecho arroxeava, e clarões de relâmpagos faziam explodir, a espaços. ×

Fui pelos taludes fora, à cata de flores silvestres. Quando juntei um ramo, vim depô-lo na pirâmide da Arlete. Mas, o que vejo?! Encostada à bajunça, na base da pirâmide, uma grande folha de papel, pisada com uma pedra, dizia: *«Sr. Mem Coitado: No seu próprio interesse, queira passar hoje, às 18 horas, pela Rua da Força, n.º 13»*. Nem ali, na hora da verdade, me deixavam em sossego!

Continuará

Glosas Marginais

Continuação da primeira página

as razões do segundo levavam, direitinho a Deus o cepticismo mais engaboado...

Donde se conclui que até a estupidez mais canhestra contém a sua fecundidade...

O ponto essencial é sabê-la aproveitar.

AQUELA FRANCESA levava consigo para a sua terra três peças de um artesanato, tão desfigurado e tão poluído, que já nem se topava nelas com a fronteira onde acabava o bafo criador do povo e onde começava a mistificação comercial. À força de se incensar de turismo um vertedoiro faz-se dele uma pá ignóbil onde se não sente o polimento das cavernas que lhe serviram de calhas. Um galo de Barcelos, passado pelo crivo da indústria e do intermediário que se interpõem entre a pureza da raiz e as divisas que o pagam, sai um papagaio indecente — um galo onde a crista viril mirrou de senilidade...

A PALAVRA «ESTÉTICA», com E maiúsculo, nas mãos de certos mistificadores, dá pano para mangas! Didàcticamente, os tratadistas costumam arrumá-la na prateleira das disciplinas normativas; mas há outros, menos vinculados a calhas normativas, e talvez não de todo sem razão, que entendem que, ao contrário, a devem deduzir das obras de arte.

De qualquer modo, quer ela seja anterior, quer posterior ao fenómeno da criação, parece que não será coisa para ser usada, por certos sujeitos, como parede de mictório improvisado na rugosidade de uma tela ou na frialdade da greda.

Não creio que seja urinando-lhe contra as paredes normativas, ou cuspindo-lhe nas conclusões que formula, que uns acrobatas, que andam à cata de entradas sem portas, consigam realizar uma obra válida que logre impor-se a quem tenha o sentido da mesura e da harmonia.

Se querem regressar à presúria derrubando os marcos das estremas, então não molhem a boca na estética,coisa que, deliberadamente ou sem intenção, colocam entre parêntesis.

AS TERRAS PEQUENAS! Respira-se nelas, às vezes, bom oxigénio; regala-se o sensório num panorama desanuviado; disfruta-se um ambiente mais calmo. Mas, por outro lado, está-se sempre a correr o perigo de cair, ingènuamente, num ninho de lacraus.

FREDERICO DE MOURA

Passa-se

Estabelecimento sito na Rua de José Estêvão. Tratar com José Simões Vieira, na Ourivesaria Vieira.

Porteiro

— casado e sem filhos, para prédio de vários inquilinos. Precisa-se. Resposta à Redacção ao n.º 443.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	ALA
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Pela Câmara Municipal

● Por terem sido considerados desertos os concursos para as empreitadas de «E. M. 583 — Reparação do lanço entre a E. N. 16 e a entrada da povoação de Mataduços — 2.ª fase» e «Reparação e beneficiação da E. M. de Azurva (E. N. 230) à E. N. 230 ao Marco de Oliveirinha, pela Quinta do Gato — 3.ª fase», foram abertos novos concursos, com o aumento de 20 % sobre as primeiras bases de licitação.

● Foram aprovados, definitivamente, o Segundo Orçamento Suplementar da Câmara e os Primeiros Orçamentos Suplementares da Comissão Municipal de Turismo e dos Serviços Municipalizados, com a receita e despesa iguais, de 275 914$00, 93 650$00 e 651 793$00, respectivamente.

● Foi aprovado, para efeito do pagamento ao empreiteiro da obra de «Pavimentação da Rua de Marques da Graça, em Taboeira», um auto de medição de trabalhos, na importância de 63 754$20.

● Foi exarado na acta um voto de congatulação pelo facto de ter sido escolhida a cidade de Aveiro para a realização da V Semana de Estudos Missionários, com a presença de altos dignatários da Igreja, devendo exprimir-se a Sua Excelência Reverendíssima o sr. Bispo de Aveiro o melhor desejo de que tenham resultado plenamente os superiores objectivos que tão relevante acontecimento pretendia alcançar

● Ficou também devidamente registado na acta o ineditismo do facto de se terem iniciado carreiras quinzenais de barcos entre o porto de Aveiro e o do Funchal, destinadas ao movimento de mercadorias e transporte de passageiros, o que faz prever que outros exemplos se venham a suceder.

Por tal facto, a Câmara Municipal de Aveiro manifestou o seu regozijo e deliberou felicitar as empresas que tomaram esta iniciativa, a todos os títulos meritória, e que vem demonstrar claramente as possibilidades do porto de Aveiro.

Universitários alemães em Aveiro

Anteontem e ontem, no no decurso de uma viagem de estudo ao nosso País, estiveram em Aveiro cerca de quarenta professores e alunos do Instituto Geográfico da Universidade de Colónia, acompanhados pelo respectivo Director, Prof. Doutor Karl Hermes.

Os universitários alemães efectuaram passeios de barco pela Ria — fulcro principal da sua visita à nossa cidade, donde ontem seguiram para o Porto.

Movimento da Lota

No passado mês de Setembro, a Lota de Aveiro teve um rendimento total de 3 787 537$00 — soma do que se apurou nas vendas de sardinha e de carapau (3 193 312$00); no peixe trazido pelos arrastões do alto (570 669$00); e no peixe da Ria (23 556$00).

Distinguiram-se as traineiras «Nova Januário» e «Vila de Ílhavo», respectivamente com 4 942 e 3 945 cabazes, que renderam 352 043$00 e 323 807$00; e os arrastões do alto «Beira-Ria» e «Figueira» com apuros, respectivamente, de 247 910$00 e 126 621$00.

Barcos regressados da pesca do bacalhau

Com cargas completas, regressaram da faina da pesca, nos bancos da Terra Nova e Gronelândia, mais os seguintes navios bacalhoeiros, pertencentes a empresas aveirenses: «Novos Mares», «Ilhavense», «S. Jacinto», «Capitão José Vilarinho» e «António Pascoal».

Novo Juiz da Comarca de Aveiro

Para substituir o sr. Dr. Silvino Alberto Vila-Nova, nomeado Corregedor do Círculo Judicial da Guarda, o sr. Dr. João Carlos Afonso da Rocha foi designado para Juiz de Direito do 1.º Juízo da Comarca de Aveiro.

O *Litoral* cumprimenta o novo magistrado aveirense, que desempenhava idênticas funções em Barcelos.

Refeitório do Pessoal da Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro

No sentido de proporcionar ao seu pessoal, nomeadamente ao que reside fora da cidade de Aveiro, refeições a preços módicos, a Direcção da Caixa de Previdência, presidida pelo sr. Dr. Augusto Soares Coimbra, resolveu conceder à Casa do Pessoal, instalada na Rua dos Combatentes da Grande Guerra n.º 153, as necessárias facilidades para a instalação e funcionamento de um refeitório.

Esta iniciativa, que desde início mereceu o melhor apoio do sr. Dr. Soares Coimbra, deve beneficiar, para já, mais de meia centena de servidores da Caixa, e vem preencher uma lacuna cujos efeitos muito se faziam sentir.

Novo Secretariado Diocesano dos «Cursos de Cristandade»

Na penúltima segunda-feira, em reunião magna dos «cursistas» aveirenses, presidida pelo venerando Bispo de Aveiro, sr. D. Manuel de Almeida Trindade, foi tornada conhecida a constitução do novo Secretariado Diocesano dos Cursos de Cristandade para o próximo ano, que ficou assim formado:

Presidente — Dr. José da Cruz Neto; *Secretário* — Henrique Pereira Campos; *Tesoureiro* — José Fidalgo Ribau; *Vogal das Intendências* — Henrique Lemos; *Vogal dos Grupos e Núcleos* — Eng.º Carlos Maia; *Vogal dos Aniversários* — António Abrantes; *Vogais da Escola* — Dr. Francisco José da Silva Matos e Eng.º Alberto Carlos Bessa Frazão; *Vogais das Estruturas* — Dr. Manuel Portugal da Fonseca, Eng.º Carlos Maia e Henrique Pereira Campos; *Vogais dos Núcleos* — Dr. Odilon Amado (Anadia), Dr. António Arede Fernandes (Águeda), Eng.º Joaquim Arnaldo da Silva Mendonça (Estarreja e Murtosa), e Armando Fernandes da Rocha (Ílhavo); *Responsável do Movimento Feminino* — D. Eduarda Bela Pereira Campos.

Curso de Primeiro-Socorristas

Está aberta a incrição para o *III Curso de Primeiro-Socorristas*, organizado pelo Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais. Este Curso, cujas lições acompanhadas de um questionário serão enviadas pelo correio, terá início em fins de Outubro. As provas finais, práticas e teóricas, realizam-se em Lisboa em Maio do próximo ano, durante três dias, em regime de internato.

A inscrição, que é gratuita, deverá ser solicitada para a Rua do Telhal, 12-4.º D.to — Lisboa-2.

AVEIRO no «Rádio Clube Português»

Hoje, às 20 h. e 45 m., a Estação de Miramar do RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS dará, em décimo programa, «Página Regional de Aveiro» — uma organização da *Philips Portuguesa* e da sua representante nesta cidade *Tomilux*, com o patrocínio do *Litoral*.

Texto de Mário da Rocha, numa realização de Curado Ribeiro, com locução de Maria Isolda.

Neste número: **E' assim a Barra — canto empenhado: amanhã voltaremos.**

Movimento Eclesiástico

O sr. D. Manuel de Almeida Trindade, venerando Bispo de Aveiro, fez, recentemente, as seguintes nomeações de sacerdotes:

Padre João Paulo da Graça Ramos — Secretário Diocesano da Obra das Vocações e Seminários e Professor da Escola do Magistério Primário;

Padre Armando de Araújo Martins — Prefeito e Professor do Seminário de Santa Joana Princesa;

Padre Manuel Simões da Silva — Pároco de Travassô e Ois da Ribeira;

Padre Manuel António Carvalhais — Pároco de Castanheira do Vouga e Coadjutor de Águeda;

Padre Adérito Rodrigues Abrantes — Assistente Diocesano da Juventude Agrária Católica Masculina e Feminina;

Padre Manuel Armando Rodrigues Marques — Coadjutor de Águeda;

Padre João Paulo de Jesus Capela — Coadjutor de Avanca;

Padre Manuel Arlindo da Rocha Valente — Coadjutor da Gafanha da Nazaré;

Diácono António Maria Valente de Pinho — Auxiliar do Pároco de Ílhavo;

Diácono José Arnaldo Simões — Auxiliar do Pároco da Glória; e

Diácono Manuel Joaquim dos Santos Figueiredo — Auxiliar do Pároco de Anadia.

Inquérito Industrial

Começaram na passada segunda-feira, dia 3 do corrente mês, os trabalhos do Inquérito Industrial no concelho de Aveiro, onde está a actuar uma brigada de funcionários do Instituto Nacional de Estatística que anteriormente haviam concluído as operações nos concelhos de Anadia, Mealhada e Oliveira do Bairro.

Cada um dos industriais a inquirir será visitado por um desses funcionários, que recolherá o boletim de inquérito, prestará esclarecimentos relativos ao seu preenchimento ou o preencherá mesmo, sempre que necessário.

Ninguém ignora já, certamente, o elevado interesse que o Inquérito Industrial tem para a Nação e para a Indústria.

Chegou, portanto, a altura dos industriais da nossa região contribuírem para o êxito do empreendimento; e, para isso, basta colaborarem com os funcionários do Instituto Nacional de Estatística, facilitando a sua missão e prestando declarações exactas às perguntas do Inquérito.

Lembramos que os elementos recolhidos pelo Instituto Nacional de Estatística são rigorosamente confidenciais, pelo que não há qualquer motivo que justifique o seu falseamento.

Estamos certos de que todos os industriais cooperarão com boa vontade, manifestando deste modo um civismo que os honra e está à altura da importante função que desempenham no conjunto das actividades económicas nacionais.

diz o LEITOR...

PARECE INCRÍVEL!

Dizem que o Porto de Aveiro já começa a ser um Porto. Dizem... Mas, da fala correntia ao facto, vai distância que se perde em horizontes sem fim.

É o caso da Junta Autónoma só possuir um batelão para abastecer água aos navios.

«Só daqui a quinze dias é que a podemos fornecer; o único batelão que possuimos está em reparação.»

Tudo muito certo. Mas o prejuízo pesa e ninguém o evita.

Para quando o fornecimento de água às Gafanhas, de modo decente? Tal evitaria contratempos deste género, e faria com que a Junta não se visse a braços com situações semelhantes. Mas este é, afinal, um dos muitos problemas com que a Gafanha, a esquecida Gafanha, se debate.

Assinante n.º 1-2559

Prémios Escolares do Liceu de Aveiro

Na sessão solene de abertura das aulas, realizada na tarde de segunda-feira finda, dia 3, o sr. Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu Nacional de Aveiro, proferiu algumas palavras, referindo-se às actividades do ano lectivo findo, tendo ainda exortado todos os alunos ao exacto cumprimento dos seus deveres de estudantes.

Durante aquela cerimónia, realizada no ginásio do Liceu, foram também distribuídos prémios aos alunos que obtiveram melhores classificações ou mais se distinguiram pelas suas qualidades de carácter, no decurso do ano lectivo anterior, e cujos nomes foram proclamados pelo sr. Dr. Orlando de Oliveira.

Publicamos, a seguir, a relação dos prémios atribuídos, em 1965-1966, aos estudantes do Liceu Nacional de Aveiro:

Prémio Governador Civil Nicolau de Bettencourt — à aluna Maria Fernanda Ferreira Romão, do 2.º ano, que obteve a melhor média na frequência (17 valores); *Prémio da Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu* — às alunas Ema Manuela da Silva, do 4.º ano, e Maria Fernanda Ferreira Romão, do 2.º ano, que alcançaram a melhor nota em Português (18 valores); *Prémio Dr. Santos Reis* — ao aluno Agostinho Vidal de Pinho, do 7.º ano, pelas suas qualidades de carácter; *Prémio João Carlos* — ao aluno José Manuel Morais Briosa e Gala, do 1.º ano, que obteve a melhor classificação geral (17 valores); *Prémio Dr. Armando da Cunha Azevedo* — à aluna Maria de Fátima Tavares de Sá, do 5.º ano, que obteve a melhor classificação em Matemática (19 valores); *Prémio Dr. José Pereira Tavares* — à aluna Maria Manuela Pereira Baptista Lopes, do 6.º ano, que conseguiu a melhor nota em Latim (18 valores); *Prémio Dr. Assis Maia* — às alunas Maria João Pinto Soares Machado, do 7.º ano, e Ema Manuela da Silva, do 4.º ano, que obtiveram a melhor nota em História; *Prémio D. Dinis (instituído pela Sociedade Central de Cervejas)* — ao aluno Jorge Pereira Nunes de Abreu, do 7.ª ano, pelas classificações e outros méritos; e *Prémio do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Aveiro* — à aluna Maria de Fátima Tavares de Sá, do 5.º ano, por ser a estudante mais classificada (15 valores), entre os filhos dos sócios efectivos daquele Sindicato.

Cartaz de Espectáculos

Teatro Aveirense

Ver anúncio em separado

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 8 — às 21.30 horas

Um Estrangeiro em Sacramento — filme com Mickey Hargitay, Barbara Frey e Lucky Benett.

Para maiores de 12 anos.

Domingo, 9 — às 15.30 e às 21.30 h.

Mulher sem Cara — película com James Garner, Jean Simmons, Suzanne Preshette e Angela Lansbury.

Para maiores de 17 anos.

Terça-feira, 11 — às 21.30 horas

Tótó contra 4 — uma divertida produção italiana, com Tótó, Peppino de Filippo, Nino Taranto e Aldo Fabrizi.

Para maiores de 17 anos.

FAZEM ANOS:

Hoje, 8 — *As sr.as Prof.a D. Amália Bandeira Rangel de Quadros Branco, esposa do sr. Coronel José Branco, D. Maria Clementina Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha Barata da Rocha, esposa do sr. Dr. Barata da Rocha, e D. Rosa Azevedo Alves Novo; e os srs. António de Barros Paula Santos e José Carlos Gamelas de Almeida, filho do sr. Tenente José Augusto Rodrigues de Almeida, ausente em Lourenço Marques.*

Amanhã, 9 — *Os srs. Dr. Francisco de Assis Bernardo Ferreira da Maia e Eng.º-agrónomo Raul Wahnon Correia Pinto.*

Em 10 — *A sr.a D. Ana Pinto Soares de Andrade, esposa do sr. Carlos Pereira de Andrade; os srs. Dr. António Peixinho e Júlio Ferreira Dias; e os meninos Mário Manuel Gonçalves Soares, filho do sr. Fernando da Ascenção Soares, e José Augusto Alves Tavares, filho do sr. José Bernardino Lopes Tavares.*

Em 11 — *Os srs. João Artur Trindade Salgueiro, Luís da Silva Perpétua, Dr. José da Veiga Teixeira Lopes, António Joaquim da Cunha e José Mateus Júnior; e o menino António Joaquim, filho do sr. Arlindo Gouveia da Cunha.*

Em 12 — *O Rev.º Padre António Augusto de Oliveira, Capelão da Santa Casa da Misericórdia, Professor da Escola Técnica e Editor do «Correio do Vouga»; os srs. Manuel dos Reis Baptista, Jofre Almiro Gomes de Moura e António Abílio Dantas Gomes; e o menino Rui Duarte Vieira da Cunha, filho do sr. Duarte Simões da Cunha.*

Em 13 — *A sr.a D. Alexandrina Morgado Barbosa, esposa do sr. Alberto Ferreira Barbosa; o sr. Manuel Pompeu de Loura Melo de Figueiredo; e os meninos António Augusto Decroock Gaioso Henriques, filho do sr. Dr. João Gaioso Henriques, radiologista no Hospital de Luanda, João Manuel da Silva Lemos Moreira, filho do sr. Amadeu de Lemos Moreira, aveirenses ausentes nos Estados Unidos da América do Norte.*

Em 14 — *As sr.as D. Júlia Candal, esposa do sr. Dr. Manuel Dias da Costa Candal, e D. Margarida Teles Miranda, esposa do 1.º Sargento sr. Carlos Augusto Pires; os srs. Eng.º Mário Gonçalves da Costa e António da Costa Ferreira; e as meninas Eneida da Silva Sabino, filha do sr. Tenente Jaime Sabino, Maria de Fátima Ferreira de Carvalho, filha do 1.º Sargento sr. Manuel de Carvalho, e Rosália Pereira de Almeida.*

NASCIMENTOS

— *Em Coimbra, em 23 de Agosto findo, nasceu mais um filhinho ao casal da sr.a D. Clementina Mortágua Kheim e do sr. Eng.º Sigurd Andreas Kheim.*

— *Nasceu um filhinho ao casal da sr.a D. Ana Maria Henriques Ferraz Sacchetti e do sr. Eng.º Casimiro Barreto Ferraz Sacchetti. O casal tinha já oito raparigas e nasceu-lhe agora o primeiro rapaz.*

— *Na madrugada de 28 de Setembro findo, na Clínica de Santa Joana, nasceu o primeiro filhinho da sr.a D. Zulmira Rodrigues Cabral Martins e do sr. Vítor Cabral Martins, conhecido atleta do Sport Clube Beira-Mar.*

O menino vai receber o nome de Vítor.

Os nossos parabéns

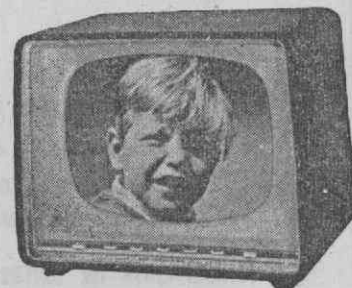
VIDA ESCOLAR

Concluiu o sétimo ano do Liceu a menina Maria da Conceição Costa, filha do sr. Lino Costa.

As nossas felicitações

Agradecimento

Manuel Vieira dos Santos

A família de Manuel Vieira dos Santos, impossibilitada de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam o saudoso extinto à sua última morada.

Marabuto, Galante & Alves, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico narrativamente, que por escritura lavrada no dia vinte de Setembro de mil novecentos e sessenta e seis, de folhas treze a folhas dezasseis, do livro de «escrituras diversas» n.º A-quatrocentos e vinte e dois, do Segundo Cartório da Secretaria Notarial de Aveiro, a cargo do Notário interino Licenciado João Caetano Nunes Guerreiro, foi constituída entre Mário dos Santos Marabuto, Albano Martins Galante Casimiro e António dos Santos Alves, uma sociedade comercial por quotas, que será regulada pelas condições constantes dos seguintes artigos:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma «Marabuto, Galante & Alves, Limitada», tem a sua sede nesta cidade, durará por tempo indeterminado, com início na data de hoje.

SEGUNDO

O seu objecto principal é a indústria de reparações de automóveis e máquinas, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e não dependa de autorização especial.

TERCEIRO

O capital social é de cento e cinco mil escudos integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes: Mário dos Santos Marabuto, trinta e cinco mil escudos; Albano Martins Galante Casimiro, trinta e cinco mil escudos; e António dos Santos Alves, trinta e cinco mil escudos.

QUARTO

Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas poderá qualquer dos sócios fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, nos termos e sob as condições em que todos acordem e constem das respectivas actas, depois de aprovadas.

QUINTO

A cessão de quotas a estranhos carece sempre de autorização da sociedade, à qual é reservado o direito de opção, direito este que pertencerá aos sócios, não querendo aquela usar dele.

SEXTO

É dispensada a autorização especial da sociedade para a cessão, total ou parcial, de quotas entre os sócios, bem como para a divisão de quotas por herdeiros de sócios.

SÉTIMO

A administraçãos dos negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbem a todos os sócios os quais desde já ficam nomeados gerentes, sem caução e com ou sem remuneração, conforme for resolvido em Assembleia Geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

Para que a sociedade fique vàlidamente obrigada, é necessário que todos os actos e contratos, sejam assinados por dois dos gerentes, podendo os actos de mero expediente ser assinados só por um.

PARÁGRAFO SEGUNDO

Aos gerentes é expressamente proibido usar a firma social em actos e contratos que lhe não digam respeito, designadamente em letras de favor, fianças, abonações ou outros documentos estranhos aos negócios sociais.

OITAVO

Os lucros líquidos que resultarem de cada balanço anual, depois de deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas; da mesma forma serão suportadas as perdas.

NONO

As assembleias gerais, salvo os casos para que a lei exija outros requisitos, serão convocadas por meio de cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos.

DÉCIMO

A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer dos sócios, antes continuará com os herdeiros da falecido ou o representante ou representantes do interdito, que nomearão entre si um só que a todos represente enquanto a quota se achar indivisa.

DÉCIMO PRIMEIRO

Esta sociedade dissolve-se nos casos legais, e no caso de dissolução serão liquidatários os sócios, que procederão à liquidação e partilha conforme acordarem e for de direito.

É certidão narrativa que extraí e vai conforme ao original, nada havendo em contrário do que nela se transcreve em relação à parte certificada.

Aveiro, vinte e três de Setembro de mil novecentos e sessenta e seis.

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral ★ Ano XII ★ 8-10-1966 ★ N.º 622

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifica-se que por escritura de vinte e nove de Setembro de mil novecentos e sessenta e seis, lavrada de folhas quarenta e três verso do Livro para escrituras diversas B número cinquenta e sete deste Cartório, Manuel Maria da Maia, empregado corporativo, natural da freguesia de Esgueira, concelho de Aveiro, residente na Rua José Izaqui, número um, primeiro, da cidade de Lisboa, casado com D. Ilda Simões de Moura Barbosa, foi habilitado como único herdeiro de sua irmã germana, Maria Simões da Maia, dona de casa, antural da dita freguesia de Esgueira, domiciliada que foi no lugar de Matadouços, da mesma freguesia de Esgueira, onde faleceu aos dezassete de Janeiro de mil novecntos e sessenta e seis no estado de casada com Manuel Maia da Cunha.

É certidão narrativa, que extraí e vai conforme ao original; nada havendo em contrário do que nela se transcreve em relação à parte certificada.

Aveiro, três de Outubro de mil novecentos e sessenta e seis.

O Ajudante,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral-N.º 622 ★ Ano XII ★ Aveiro, 8-10-66

Litoral — 8 - Outubro - 1966
Ano XII — Número 622

OCULISTA VIEIRA

ÓPTICA MÉDICA DESDE 1946

A maior Casa do País na Província no fornecimento de óculos por receita médica de toda a espécie

Pessoal técnico altamente especializado

Oculista VIEIRA

Rua de Viana do Castelo, 21 (Esquina)

(Frente aos Armazéns de Aveiro)

TELEF. 23274 P. P. C. AVEIRO

PRECISA-SE

Regente Agrícola

Com carta de condução de ligeiros e livre do serviço militar.

Empregado/a para Escritório

Com prática de escrever à máquina e livre do serviço militar.

Resposta à Redacção ao n.º 151

Terreno para Construção
Vende-se em praça

EM 22 DE OUTUBRO, ÀS 15 HORAS

No local, à Rua de Aires Barbosa, a 100 metros da projectada ligação à Avenida Salazar, confrontando pelo sul com terreno camarário, com área aproximada de 1 300 m².

Tem 40 metros na dita rua, com paragem de auto-carros em frente e permite a construção de 3 pisos em ala contínua, *segundo condições aprovadas pela Câmara — processo 498/60/66*, sem prazo para construir. Reservado o direito de entrega.

Informações e condições:

Paulo Catarino — Advogado — Telefones 23451 e 22873, Aveiro.

Anúncio

Concurso da empreitada para a construção do edifício do Quartel dos Bombeiros Voluntários de Estarreja.

Até às 16 horas do dia 20 do corrente mês de Outubro, recebem-se propostas, em carta fechada, para a execução da empreitada da construção do *Quartel dos Bombeiros Voluntários de Estarreja.*

O programa do Concurso está patente todos os dias úteis, na Sede da Associação, na Rua de «O Jornal de Estarreja», em Estarreja, das 9 às 12 horas e das 14 às 0 horas.

A abertura das propostas terá lugar no dia 21 do corrente mês de Outubro, pelas 21 horas, na Sede da Associação.

Estarreja, 4 de Outubro de 1966

O Presidente da Direcção,

a) Dr. Francisco José Marques de Oliveira Pinto

ALFAIATE

Precisa de costureira e meia costureira.

Muito bons ordenados.

Casa de Luxo. Nesta Redacção se informa.

Empregado

Para escritório, com alguma prática. Precisa «Bruno da Rocha & C.ª».

Mecânicos de Automóveis

PRECISAM-SE NA

Empresa Cerâmica Vouga, L.da

Nova Agência Funerária

Lacerda & Oliveira, L.da

Funerais e Trasladações para todo o País

ATENDE A QUALQUER HORA

Todo o serviço fúnebre é executado por Alfredo de Oliveira Cirne, ex-empregado do Horto Esgueirense

PREÇOS MÓDICOS

Rua do Gravito, 135-137, ou Rua do Carmo, 19

Telefone 27178 — AVEIRO

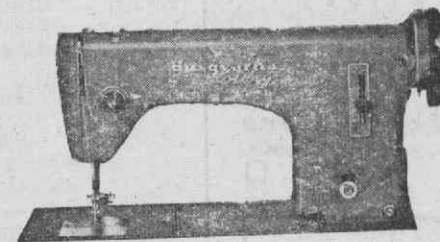
HUSQVARNA

A MÁQUINA DE COSTURA DA MULHER PORTUGUESA

Fabricada na Suécia pela mais antiga organização de máquinas de costura, tem a garantia de 30 anos

HUSQVARNA ROTARY

a nova máquina de costura "reta",

com lançadeira rotativa

EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÕES NO

DISTRIBUIDOR

MOTOCICLO BEIRA-MAR

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 232 - Telef. 24161 - Aveiro

Cursos permanentes de costura, corte e bordados

BAMBI

TUDO PARA OS VOSSOS FILHOS

AVISO

Vem por este meio a gerência da firma **Maria & Natália, L.da**, Casa BAMBI, informar que trespassou o seu estabelecimento da Rua do Conselheiro Luís de Magalhães, n.º 29, a outra firma de ramo diferente e cuja gerência, de forma alguma, se encontra ligada à desta sociedade. O actual estabelecimento situa-se na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 873, desta cidade

Desportos

Continuações da última página

Campeonato Nacional da I Divisão

conseguiu os seus primeiros golos), enquanto o Vitória registou o terceiro desaire consecutivo. O desfecho contrariou imensos vaticínios...

Na Póvoa de Varzim, o Benfica, com o seu «sexteto europeu», não conseguiu vencer a onda de desbordante entusiasmo dos poveiros. E teve que contentar-se com um nulo...

Em Alvalade, num encontro mal jogado, a Sanjoanense pregou alguns sustos ao Sporting, sobretudo até ao intervalo (0-0). Depois, os «leões» impuseram-se e ganharam justamente, mas por margem exagerada.

Matosinhos assistiu a uma igualdade, entre leixonenses e setubalenses — de certo mais agradável para os últimos, que, assim, puderam manter-se invencíveis...

Coimbra e Barreiro foram cenários de contendas em que o desfecho surgiu sòmente quase ao expiar o tempo de jogo. Desafios, portanto, em que os vencidos (Braga e Beira-Mar) venderam cara a derrota, valorizando o êxito dos vencedores (Académica e C. U. F.).

Desta forma, o Desportivo da C. U. F. — única equipa vitoriosa cem por cento! — é o primeiro leader isolado do torneio máximo. (Curioso recordar que, na época finda, igual cometimento pertenceu a outra equipa da laboriosa vila fabril — o Barreirense, que viria a ser despromovido...)

Outro apontamento digno de registo: já todas as equipas conseguiram marcar e já todas sofreram, pelo menos um golo. O Beira-Mar, registe-se, foi a turma que mais tempo demorou a ser derrotada — pois apenas ao cabo de duzentos e sessenta e nove minutos cedeu um golo...

C. U. F. — Beira-Mar

não desdenhariam de rubricar.

Imperturbáveis na sua toada, de pendor defensivo, os negro-amarelos dominavam bem as arremetdas dos cufistas, beneficiando do «afunilamento» dos seus ataques; e, a seu turno, jamais perderam o sentido do contra-ataque, pelo que os barreirenses — muito prudentemente — nunca desfizeram o seu «quarteto» defensivo, assim se pondo a coberto de qualquer desgosto...

Essa prudência dos «fabris» deve ter sido providencial, para que o grupo mantivesse incólumes as suas redes, já que garantiu acentuada vantagem ao sector atrasado dos barreirenses, sobretudo do ponto de vista numérico. Realmente, os dois ou três dianteiros que o Beira-Mar manteve mais avançados, estiveram sempre em desvantagem numérica... E, além do mais, também denotavam fragilidade, no aspecto atlético... pois foi sensível a ausência de Diego. Constituíam, no entanto, séria e constante ameaça — como exuberantemente demonstraram. Anote-se até, que aos 39 m., em jogada de Pena, que centrou da linha cabeceira, embora apertado, Gaio introduziu a bola nas redes de José Maria: o árbitro, no entanto, não homologou o lance — o golo pareceu-nos autêntico! — e não deixou aos jogadores do Beira-Mar ensejo para que contestassem a sua decisão, pois logo os ameaçou de expulsão... como posteriormente viemos a saber!

O jogo, extremamente correcto, foi deveras agradável e bem disputado, apesar das contrariedades criadas, às duas equipas, pela relva escorregadia.

Mais incisivos e perigosos, os cufistas vieram a ser vencedores certos, se bem que felizes — e dupulamente! — pela altura e pelo modo como conseguiram o tento vitorioso.

No onze evidenciaram-se Abalroado, Fernando, Durand e Monteiro.

O Beira-Mar — a que apenas terá faltado um pouco de audácia e persistência nos seus lances ofensivos — justificava a igualdade, como prémio para o acerto e para o espírito de entreajuda de todos os seus elementos, sempre esforçados e combativos.

Vítor, na baliza, fulgiu mais que os restantes colegas, de que merecem especial citação Abdul, Leonel Abreu, Garcia, Almeida e Piscas — muito certos de começo a final. Mas todos os outros cumpriram e foram úteis à equipa.

A tarefa do Dr. Décio de Freitas (que reapareceu após largos meses de afastamento) foi facilitada, ao máximo, por todos os jogadores. Mas o árbitro teve falhas graves — para além de, às vezes, assinalar deslocações inexistentes, aqui por culpa dos «bandeirinhas». Os erros maiores: aos 7 m., transformou em livre, fora da área, uma falta da defesa aveirense sobre Mascarenhas, após lance ocorrido na área de rigor e punível (dado que assinalado...) com livre indirecto; e, aos 39 m., a invalidação do tento obtido por Gaio — quiçá com influência decisiva no desfecho do desafio...

De resto, e como vem sendo habitual, o juiz de campo denotou evidente caseirismo sempre que teve de julgar lances de choque entre jogadores, na disputa do esférico.

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

Após a terceira jornada, ficámos com um guia isolado (Covilhã), em consequência dos primeiros pontos perdidos pelos outros grupos vanguardistas (Tirsense e Leça).

Do quarteto aveirense, o União de Lamas passou, sem colegas, para «lanterna-vermelha», ao averbar terceira derrota a fio — com a agravante de sofrer o segundo inêxito caseiro; a Oliveirense, recebendo o Espinho na Vila da Feira (por castigo de interdição do seu parque do jogos), ganhou pela primeira vez, enquanto os «tigres» sofreram o primeiro desaire; por fim, temos a Ovarense — a registar segundo triunfo, desta vez por margem ampla.

Resultados gerais:

Covilhã - Tirsense 1-0
Torres Novas - Leça 0-0
Lamas - Penafiel 1-2
Oliveirense - Espinho. . . . 2-0
Salgueiros - Acad. de Viseu 2-0
Famalicão - União de Tomar 4-0
Ovarense - Peniche 1-4

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bol.	P.
Covilhã	3	3	—	—	5-1	6
Leça	3	2	1	—	2-0	5
Tirsense	3	2	—	1	8-3	4
Ovarense	3	2	—	1	8-5	4
Penafiel	3	2	—	1	5-4	4
Salgueiros	3	2	—	1	4-3	4
Famalicão	2	1	—	1	5-2	2
Espinho	2	1	—	1	3-2	2
Oliveiren.	3	1	—	2	3-4	2
A. de Viseu	3	1	—	2	2-4	2
Peniche	3	1	—	2	3-6	2
U. Tomar	3	1	—	2	4-8	2
T. Novas	3	—	1	2	1-8	1
Lamas	3	—	—	3	2-5	0

Jogos para amanhã:

Tirsense - Ovarense
Leça - Covilhã
Penafiel - Torres Novas
Espinho Lamas
A. de Viseu - Oliveirense
U. de Tomar - Salgueiros
Peniche - Famalicão

Sumário Distrital

I DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada:

RECREIO — PAIVENSE............ 5-1
S. JOÃO DE VER — O. DO BAIRRO 4-0
ESTARREJA — ANADIA............ 1-3
CUCUJÃES — ESMORIZ............ 1-1
ARRIFANENSE — LUSITÂNIA...... 2-1
VALECAMBRENSE — FEIRENSE... 2-1
PAÇOS DE BRANDÃO — ALBA... 1-0

Tabela classificativa

	J.	V.	E.	D.	Bol.	P.
S. João Ver	3	3	—	—	11-0	9
Anadia	3	3	—	—	14-2	9
Valcamb.	3	3	—	—	7-2	9
Recreio	3	2	—	1	7-6	7
P. Brandão	3	2	—	1	2-2	7
O. Bairro	3	2	—	1	4-6	7
Esmoriz	3	1	1	1	5-6	6
Lusitânia	3	1	—	2	4-4	5
Estarreja	3	1	—	2	4-5	5
Feirense	3	1	—	2	3-4	5
Arrifanen.	3	1	—	2	4-7	5
Cucujães	3	—	1	2	2-11	4
Alba	3	—	—	3	2-6	3
Paivense	3	—	—	3	1-9	3

Jogos para amanhã:

PAIVENSE — PAÇOS DE BRANDÃO
OLIVEIRA DO BAIRRO — RECREIO
ANADIA — S. JOÃO DE VER
ESMORIZ — ESTARREJA
LUSITÂNIA — CUCUJÃES
FEIRENSE — ARRIFANENSE
ALBA — VALECAMBRENSE

RESERVAS

O Campeonato Distrital de Reservas vai ser disputado em duas séries, na fase inicial, realizando-se os desafios aos domingos, com continuidade, sem se ter em atenção a possibilidade de eventuais agrupamentos com outros jogos oficiais.

Beira-Mar e Sanjoanense não se inscreveram no torneio, ficando (em princípio) as duas séries com os seguintes clubes:

Série A — Avanca, Ovarense, Feirense, Paços de Brandão, Lusitânia, Pejão, S. João de Ver e Espinho.

Série B — Valecambrense, Macinhatense, Valonguense, Mealhada, Alba, Vista-Alegre, Oliveirense e Bustelo.

JUNIORES

Resultados da 2.ª jornada:

Série A

LAMAS — SANJOANENSE........... 0-5
BUSTELO — OLIVEIRENSE.......... 3-2
ESPINHO — LUSITÂNIA.............. 8-1
CESARENSE — VALECAMBRENSE 1-4
ESMORIZ — CUCUJÃES.............. 0-2

Série B

VISTA-ALEGRE — ESTARREJA...... 0-2
ANADIA — ALBA......................... 9-0
RECREIO — MEALHADA............... 5-0
BEIRA-MAR — OVARENSE........... 1-1
O. DO BAIRRO — VALONGUENSE 2-0

Jogos para amanhã:

LUSITÂNIA — LAMAS
SANJOANENSE — OLIVEIRENSE
CUCUJÃES — CESARENSE
VALECAMBRENSE — ESPINHO
MEALHADA — VISTA-ALEGRE
BUSTELO — ESMORIZ
ESTARREJA — ALBA
OVARENSE — RECREIO
VALONGUENSE — BEIRA-MAR
ANADIA — OLIVEIRA DO BAIRRO

JUVENIS

Série A

Resultados da 1.ª jornada:

BUSTELO — LUSITÂNIA.............. 1-1
PEJÃO — SANJOANENSE.............. 0-2
ESPINHO — PAÇOS DE BRANDÃO 5-1
CUCUJÃES — OLIVEIRENSE......... (a)
(a) — Suspenso, devido ao mau tempo

Série B

Resultados da 3.ª jornada:

OVARENSE — ESTARREJA............ 8-0
ANADIA — RECREIO.................... 2-2
MEALHADA — BEIRA-MAR........... 1-2
ALBA — PAMPILHOSA................. 8-0

Jogos para amanhã:

LUSITÂNIA — PEJÃO
OLIVEIRENSE — BUSTELO
SANJOANENSE — ESPINHO
PAÇOS DE BRANDÃO — CUCUJÃES
ESTARREJA — MEALHADA
RECREIO — OVARENSE
BEIRA-MAR — ALBA
PAMPILHOSA — AVANCA

Basquetebol

Campeonatos Distritais de Aveiro

- Está marcado para hoje, à noite, o início do Campeonato Distrital da I Divisão. O programa geral da ronda de abertura é o seguinte:

ESGUEIRA — GALITOS
AMONIACO — SANJOANENSE
SANGALHOS — ILLIABUM

- Os campeonatos distritais de juniores e de juvenis, que deveriam ter começado no último domingo, sòmente amanhã principiam a disputar-se. A jornada envolve os seguintes desafios (nas duas categorias):

ESGUEIRA — GALITOS
SANJOANENSE — MEALHADA
SANGALHOS — ILLIABUM
AMONIACO — ASILO

O Asilo-Escola apenas participa no Campeonato de Juvenis.

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 5 DO TOTOBOLA

16 de Outubro de 1966

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Braga - Porto		x	
2	Atlético - Benfica			2
3	Sporting - Setúbal	1		
4	Varzim - Belenens.			2
5	Leixões-Beira Mar			2
6	C. U. F. - Guimarã.	1		
7	Tirsense - Leça	1		
8	Oliveir. - U. Tomar	1		
9	Oriental - C. Pieda.	1		
10	Leões - Barreiren.		x	
11	Luso - Torriense			2
12	Almada - Olhanen.	1		
13	Seixal - Alhandra	1		

Secção dirigida por António Leopoldo

Basquetebol

Homenagem do Galitos a ARTUR e JOSÉ FINO

Como aqui se noticiou, os conhecidos basquetebolistas Artur e José Fino, valorosos elementos do Galitos, de que foram jogadores, «capitães» de várias equipas e até treinadores, foram alvo de uma festa de homenagem — assinalando a sua despedida dos recintos da bela e espectacular modalidade, em que ambos atingiram certa projecção, no âmbito distrital.

Herdeiros de um nome glorioso, nos fastos do basquetebol aveirense, tanto Artur Fino como José Fino souberam honrar a memória de seu Pai, o saudoso desportista Artur Fino, autêntico exemplo de verdadeira dedicação ao Galitos e ao Basquetebol.

Na hora da retirada dos dois irmãos Fino — ambos ainda com possibilidade de serem muito úteis ao cinco alvi-rubro —, o público esteve presente, no Rinque do Parque, em inequívoca prova do seu agradecimento e do seu apreço pelo entusiasmo com que ambos souberam defender a gloriosa camisola do prestigioso Clube dos Galitos.

● O festival, realizado na noite da penúltima quinta-feira, decorreu em bom ritmo e foi francamente agradável, englobando três encontros — cujos resultados aqui já demos a conhecer na semana finda.

Precedendo o jogo que encerrou o programa, e com todos os basquetebolistas que participaram no festival alinhados, deram entrada no Rinque os homenageados, recebidos com aplausos calorosos. Falaram, então, os dirigentes da Secção de Basquetebol do Clube dos Galitos srs. José Gonçalves Mota e Carlos Alberto Jerónimo — este para ler o «louvor» conferido pela Direcção do Galitos aos dois atletas, distinguidos, depois, com várias prendas, oferecidas por antigos colegas, pelos clubes presentes na festa e pelo Galitos, ali representado pelos directores srs. Dr. Mário Galoso Henriques, Eng.º Carlos Maia, Fernando Morais Sarmento e Agnelo Casimiro da Silva.

Duas imagens da homenagem: em cima — os irmãos Fino entrando no Rinque do Parque, por entre alas formadas pelos atletas presentes no festival; em baixo — o Dr. Mário Galoso Henriques, oferecendo aos valorosos basquetebolistas as prendas da Direcção do Clube dos Galitos

«INICIADOS» — Galitos A - Galitos B — 25-25

● No jogo de abertura, dirigido pelos árbitros Arlindo Silva e António Bastos, defrontaram-se duas equipas de «iniciados» do Galitos, que terminaram igualadas a 25 pontos, depois de nos deliciarem com algumas fases de muito agrado.

As equipas formaram deste modo:

BRANCOS — Moreira, Abrantes, Madureira, Pinho, Peixinho, Campos e Mariano.

VERMELHOS — Júlio, Vale, Lopes, João, Alberto e Gamelas.

Ao intervalo, os «vermelhos» venciam por 13-8.

«VETERANOS»

Galitos-Esgueira — 23-37

● A seguir, evolucionaram, igualmente de forma deveras agradável, as equipas de «veteranos» do Galitos e do Esgueira, no encontro *arbitrado à antiga* por Adriano Pires.

Com elementos mais jovens, os esgueirenses triunfaram por 37-23 — com 18-11 no fim do primeiro tempo.

Alinharam e marcaram:

GALITOS — Baldomero Coelho 2, Ulisses Pereira, Sílvio Palpista, José Matos 2, José Porfírio 7, Manuel Bastos, Amílcar Silva, José Nogueira, Jeremias Alves 9, José Carvalho, António Charneira 2, Manuel Paula 1 e José Luís Pimenta.

ESGUEIRA — Júlio Soares 3, José Calisto 3, Anselmo Soares 1, Manuel Matos 17, Amílcar Albuquerque («Mico») 9, Isaías Figueiredo, Álvaro Ramalho e António Costa 4.

«SENIORES»

Galitos-V. Gama — 40-47

● Finalmente, sob direcção dos srs. Manuel Bastos e Manuel Gonçalves, jogaram os grupos principais do Galitos e do Vasco da Gama, que se apresentaram assim formados:

GALITOS — José Fino 2, José Luís Pinho 3-2, Robalo 3-10, Artur Fino, Arlindo, Vítor 5-4, Madureira 6-0, Veiga, José Luís Naia 0-3, Bio, Telmo e Peixinho.

VASCO DA GAMA — Serafim 0-6, David 4-2, Arlindo Cruz 14-2, Alberto 7-2, Rosário, Arlindo Cunha 0-6, Ferreira 2-0, Moura, Alexandre, José António e Abílio 0-2.

Os vascaínos triunfaram por 47-40 e, ao intervalo, já venciam por 27-21.

Foi notória a melhor e mais adiantada preparação dos visitantes, envolvidos já em competições oficiais; e esse trunfo — de muito peso —, aliado à má finalização dos aveirenses, esteve na base do êxito do Vasco da Gama.

O Galitos, entretanto, replicou e jogou com acerto, valorizando o desafio — demonstrando a equipa (recheada de jovens) magnífica capacidade para uma boa época.

Arbitragem imparcial, mas deficiente.

C.U.F., 1-Beira-Mar, 0

Jogo no Estádio de Alfredo da Silva, no Barreiro, sob arbitragem do Dr. Décio de Freitas, coadjuvado pelos «bandeirinhas» srs. Manuel Ferreira e Carlos Bica — todos da Comissão Distrital de Lisboa.

Os grupos formaram deste modo:

C. U. F. — José Maria; Bambo, Durand e Abalroado; Vieira Dias e Mário João; Madeira, Mascarenhas, Fernando, Monteiro e Uria.

BEIRA-MAR — Vítor; Leonel Abreu, Evaristo e Garcia; Piscas e Marçal; Morais, Pena, Gaio, Abdul e Almeida.

Corria já o derradeiro minuto do desafio quando os barreirenses obtiveram o único golo válido da partida, garantindo a vitória: no seguimento de um *corner* apontado por Madeira, no lado direito, a bola cruzou a baliza beiramarense e FERNANDO, num fulminante golpe de cabeça, fez o tento.

Perfeitamente aceitável, atendendo ao maior quinhão de domínio territorial e aos ensejos de golo de que os seus jogadores dispuseram, o triunfo dos cufistas — paradoxalmente — veio a ganhar foros de certa injustiça, pelo facto de haver sido firmado mesmo ao termo do tempo regulamentar.

Vitória alcançada *in-extremis*, laboriosamente e muito afortunadamente (pela rara precisão com que Madeira executou o *corner* e pela pontaria do cabeceamento feito por Fernando, autênticamente a fazer passar a bola pelo «buraco da agulha»...), constituiu verdadeira «sorte grande» para os barreirenses. E, ao mesmo tempo, foi castigo severo para a clarividência e calculismo com que os beiramarenses actuaram, sempre certos e seguros, dentro dos planos tácticos que perfilharam.

Os desafios, porém, duram noventa minutos...

Precavendo-se contra o rompante inicial dos seus antagonistas, rápidos a correr com a bola dominada e a denotarem boa acutilância, os beiramarenses — com alguns defensores algo oscilantes, tanto nas entradas como nas entregas — souberam, no entanto, fechar avisadamente o caminho das suas balizas.

E, logo que todos os seus defesas atinaram com a marcação dos adversários directos, a partida ganhou feição de muito equilíbrio e agrado, alternando-se os lances de perigo numa e noutra baliza — se bem que Vítor fosse chamado a intervir com mais frequência.

Aliás, o guardião de Aveiro foi forte baluarte da equipa, sempre atento, seguríssimo e brilhante — com um punhado de intervenções que muitos famosos *keepers*

Continua na página 9

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

Resultados da 3.ª jornada:

ACADÉMICA — BRAGA	2-1
ATLÉTICO — PORTO	2-0
SPORTING — SANJOANENSE	4-1
VARZIM — BENFICA	0-0
LEIXÕES — SETÚBAL	1-1
GUIMARÃES — BELENENSES	1-2
C. U. F. — BEIRA-MAR	1-0

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bol.	P.
C. U. F.	3	3	—	—	6-2	6
Benfica	3	2	1	—	4-1	5
Setúbal	3	1	2	—	2-1	4
Porto	3	2	—	1	4-2	4
Académica	3	2	—	1	6-4	4
Sporting	3	1	1	1	4-2	3
BEIRA-MAR	3	1	1	1	2-1	3
Braga	3	1	1	1	2-2	3
Varzim	3	1	1	1	3-4	3
Leixões	3	1	1	1	3-4	3
Atlético	3	1	—	2	2-3	2
Belenenses	3	1	—	2	2-5	2
Guimarães	3	—	—	3	1-4	0
Sanjoanense	3	—	—	3	1-8	0

Jogos para amanhã:

BRAGA — C. U. F.
PORTO — ACADÉMICA
SANJOANENSE — ATLÉTICO
BENFICA — SPORTING
SETÚBAL — VARZIM
BELENENSES — LEIXÕES
BEIRA-MAR — GUIMARÃES

Voltou a ser pouco produtiva, quanto a golos, a terceira jornada, tendo-se marcado, no total, apenas dezasseis. Destes, cinco obtiveram-se no jogo Sporting — Sanjoanense, antecipado para a noite da penúltima sexta-feira; e os onze restantes surgiram nos outros seis desafios da ronda, no primeiro domingo de chuva da época, em que quatro equipas ficaram em branco...

Seria que o mau tempo prejudicou os atacantes e beneficiou os defensores?...

Na Tapadinha, houve a grande sensação da jornada, com a justa vitória do Atlético (que obteve os seus primeiros golos) sobre o Porto (cuja defesa perdeu a invulnerabilidade). De assinalar o facto de cada grupo ter desaproveitado um penalty já com o 2-0 no marcador...

Em Guimarães, registou-se uma surpresa: o Belenenses averbou o seu primeiro triunfo (igualmente

Continua na página 9

Inauguração do «relvado» de Aveiro

Finalmente, vamos assistir, em Aveiro, a futebol jogado sobre um tapete de relva.

Concluídos os trabalhos em curso no Estádio de Mário Duarte (primeira fase), é ali que se realiza o desafio Beira-Mar — Vitória de Guimarães, da quarta jornada do Campeonato Nacional da I Divisão.

O «CASO» LEONEL ABREU

Na reunião da Federação Portuguesa de Futebol a que fizemos referência no nosso último número, lamentando não termos podido averiguar qual a solução encontrada pelos dirigentes federativos para o «caso» Leonel Abreu, ficou decidido manter a transferência do aludido atleta para o Beira-Mar, fazendo cessar imediatamente a suspensão que lhe havia sido imposta.

A decisão foi tomada por se verificar que a transferência da Académica para o Beira-Mar se processou em conformidade com as disposições regulamentares em vigor e com o despacho da Direcção-Geral dos Desportos de 1961, quando da mudança de Leonel Abreu do Olhanense para a Académica.

Como se pretendia — fez-se justiça. E com a prontidão que se requeria, facto com que muito nos congratulamos, pois assim se evitaram maiores e mais prolongados prejuízos e incómodos, tanto para o Beira-Mar como para o seu atleta.

Ficou sem efeito a prevista partida amistosa entre o Beira-Mar e a Académica, que nestas colunas anunciámos para a passada quarta-feira, 5 de Outubro.

Carlos Alberto Vinagre, o conhecido «Calabé», que no ano findo transitou dos juniores para o primeiro grupo do Beira-Mar, encontra-se a cumprir o serviço militar em Paços de Arcos — devendo alinhar por um clube lisboeta, enquanto estiver longe de Aveiro.

Já na semana transacta, o União de Lamas rescindiu o contrato com treinador Pinto Vieira, substituído pelo conhecido Francisco Reboredo. A «chicotada psicológica», no entanto, não resultou desde logo — pois os lamacences voltaram a perder «em casa», no pretérito domingo.

Termina hoje, no court de ténis do Parque Municipal, o torneio em que se disputa a «Taça Juventude». A primeira jornada realizou-se no passado dia 5.

Para o jogo de amanhã, com os vimaranenses, o Beira-Mar deve apresentar o mesmo «onze» que alinhou no Barreiro, no domingo passado, contra a C. U. F..

Diego, lesionado no jogo com o Belenenses, já anteontem jogou, no treino de conjunto dos beiramarenses, pelas «reservas»; mas sòmente deve reaparecer de amanhã a oito dias, em Matosinhos, no encontro com o Leixões.

Litoral

8 de Outubro de 1966
Ano XII — N.º 622